

---

**EXEGESE BÍBLICA: VANTAGENS, DESVANTAGENS**

---

**LIMITES E CONTRIBUIÇÕES NA INTERPRETAÇÃO**

---

**MODERNA DA BÍBLIA\***

---

Maria Aparecida de Andrade Almeida\*\*, Pedro Paulo A. Funari\*\*\*

*Resumo: o presente artigo procura tratar da contribuição da Exegese Bíblica para a Interpretação Moderna da Bíblia. Começa por definir a diferença entre Exegese e hermenêutica, iniciada no âmbito teológico, mas que logo se expandiu para a moderna Filologia, Fisologia e História. Prossegue traçando um breve itinerário histórico da exegese bíblica para desembocar na complexidade dos métodos atuais de interpretação da Bíblia, todos eles apresentando vantagens, desvantagens, limites e contribuições. Porém, se detém na contribuição do Método Histórico-Crítico por colocar o estudo bíblico numa discussão secular. Embora o Método Histórico-Crítico seja bastante criticado é, no mínimo, um ponto de partida e não deve ser rejeitado. A importância da exegese bíblica, para não dizer de sua necessidade, reside no fato de que ela possibilita uma compreensão mais exata do sentido de um texto bíblico, e, por conseguinte, fornece bases para uma construção teológica melhor fundamentada.*

*Palavras-chave: Bíblia. Exegese. Hermenêutica. Método histórico-crítico. Vida.*

---

\* Recebido em: 30.07.2015. Aprovado em: 15.10.2015.

\*\* Pós-Doutor em História e Arqueologia pela Universidade Estadual de Campinas. Doutora e Mestre em Ciências da Religião/Literatura e Religião no seleno Mundo Bíblico pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté. Tem experiência nas áreas Teológica e Bíblica, atuando nos campos Educacional e Pastoral. Integrante do Grupo de Pesquisa Arqueologia da Repressão e da Resistência; Bolsista FAPESP. Email: mcidalmeida@hotmail.com.

\*\*\* Professor no Departamento de História, IFCH, Unicamp. Bolsista de produtividade do CNPq. Tutor do estágio de pós-doutoramento de Haroldo Reimer. E-mail: ppfunari@uol.com.br

O estudo da Bíblia (Antigo Testamento, ou Bíblia Hebraica, e Novo Testamento) possui longa tradição, tanto nas denominações cristãs, como judaicas. Na Antiguidade, Filo de Alexandria (25 a.C-50 d.C) representa bem uma vertente judaica de interpretação, ancorada na Filosofia grega. Os comentários em hebraico ou aramaico constituíram o midrash composto pela Mishná, pelos Talmudes de Jerusalém e da Babilônia e o Midrash Aggadá, todos de época clássica, complementados pelos escritos pós-clássicos e tardios. O Midrash, enquanto categoria propriamente judaica de interpretação, pode ser definido como um “exame, interrogação” (derivado da raiz *daroch*). O Midrash é, pois, uma exploração da letra do texto, a buscar um pretexto para a reflexão, uma leitura infinita. As modalidades de procedimentos metodológicos são a *mahloquete* (diálogo entre mestres, a intersubjetividade) e a *guezará chava* (analogia semântica ou intertextualidade). A exegese retorna ao texto, dando ao texto bíblico sua própria autonomia ao livrá-lo de seu contexto histórico original. A partir das alusões (*remazim*) visa a prescrição (*halakha*). A *aggada*, produto da Palestina (*eretz Israel*) baseia-se na *petiha* (abertura) e utiliza-se, amplamente, do jogo de palavras entre o hebraico da Bíblia e o aramaico, como no caso do *Bereshit* (Gênesis), palavra inicial que significa “no início”, interpretada como “bara chit”, “criou seis”, em aramaico (FUNARI, 1999).

Também os cristãos, já no início do segundo século d.C., começaram a estudar os textos do que viria a ser o Antigo Testamento e, aos poucos, também do Novo Testamento. Este movimento tomou corpo e, no século IV, quando do fim da perseguição aos cristãos, multiplicaram-se os estudos exegéticos e as interpretações, tanto a partir dos idiomas originais, como, principalmente, a partir das versões, primeiro em grego, depois em latim. Agostinho de Hipona foi um dos mais influentes comentadores cristãos. Pelos séculos posteriores, tanto os cristãos a ocidente, em latim, como a oriente, em grego, assim como os judeus, continuaram a produzir comentários, sempre a partir de perspectiva teológica e mesmo apologética.

Foi apenas com o Iluminismo, no século XVIII, que começaram a surgir perspectivas diversas, menos centradas na correta interpretação, de acordo com o dogma, e isso se deu em um contexto de mudanças sociais, econômicas e culturais que estão conosco até hoje. Por um lado, a industrialização levou à urbanização e a uma preocupação com a explicação racional do mundo e com a experiência empírica. Por outro, a estrutura social fundada na ordem cósmica de fundo religioso foi questionada. As monarquias de direito divino e as ordens sociais estamentais (nobres e plebeus) fundadas na ordem religiosa do mundo foram colocadas em cheque, com o surgimento do estado nacional moderno, baseado na cidadania e no compartilhamento de valores. O estado nacional moderno burguês dependeu, assim, de uma nova compreensão do mundo: racional, experimental, lai-

ca. O Iluminismo esteve na raiz do estudo da Filologia, o conhecimento racional dos idiomas, com a busca das origens das palavras e estruturas, assim como das inter-relações entre línguas vivas e mortas. Surgia o conceito de ramos linguísticos, com a definição dos idiomas indo-europeus, que incluem o latim e o grego, e os semitas, que abrangem o hebraico e aramaico.

Esta visão iluminista viria a difundir-se no século XIX e atingir, de forma contundente, o estudo dos textos religiosos, em geral, e bíblicos, em particular. Na raiz da moderna exegese bíblica está, portanto, um distanciamento da leitura crente da Bíblia, uma perspectiva racional do texto bíblico, como já estava em Spinoza (1632-1677). Por isso mesmo, houve e há teólogos católicos, protestantes e judeus que a criticaram por essa abordagem despreocupada com crença. Contudo, muitos estudiosos rejeitaram essa dicotomia, proveniente do embate, à época iluminista, entre fé e razão e consideram que uma exegese bíblica fundada na razão não invalida a crença, posição que adotamos por dois motivos. Em primeiro lugar, do ponto de vista antropológico, a contraposição entre razão e fé é enganosa. O simbolismo está presente no ser humano desde seus primórdios nas cavernas e continua a estar na raiz do mundo atual. Alguns dirão que o humano define-se pela memória dos antepassados, representada nos enterramentos, rituais funerários e na rememoração dos falecidos. Mesmo os sistemas sociais fundados no ateísmo perpetuaram a memória de líderes falecidos, em alguns casos, como na Coreia do Norte, até mesmo com a consideração que os mortos estão vivos. Em seguida, e não menos importante, a presença do sagrado no mundo contemporâneo, em diversas formas, continua intensa, ainda mais no Brasil e uma perspectiva humanista e simbólica, fundada na exegese moderna, permite uma vivência mais rica e aberta à diversidade de comportamento do que uma abordagem pouco atenta ao estudo do texto bíblico.

## EXEGESE E HERMENÊUTICA

A exegese é um conjunto de procedimentos destinados a estabelecer o sentido de um texto sob vários ângulos (textual, literário, dos motivos/temas, do processo de composição e outros) a fim de extrair dele suas mensagens. Têm-se necessidade dela cada vez que um texto suscita um interesse durável, ou é sempre considerado importante (LACOSTE, 2004, p. 698). Em termos etimológicos, exegese vem do grego e significa conduzir, guiar, dirigir, governar, explicar pormenorizadamente, interpretar, ordenar, prescrever, aconselhar, arrancar para fora do texto. A *Eisegesis* consiste em introduzir em um texto alguma coisa que alguém deseja que esteja ali, mas que na verdade não faz parte do mesmo. Importante é a distinção entre *exegese* (condução para fora) e *eisegese* (condução para dentro) o que significa, portanto, guiar para fora dos pensa-

mentos o que o escritor tinha quando escreveu um dado documento, isto é, literalmente “tirar de dentro para fora” (*ex-ago*), extrair o significado, interpretar (FREEDMAN, 1992, p. 682-3). Demanda a utilização de método científico, além de precisar contar com o auxílio de várias ciências humanas (história, geografia, arqueologia, paleografia, história das religiões comparadas, entre outras), visto que há uma enorme distância temporal (em alguns casos, também espacial) e, sobretudo cultural entre os textos e nós, pessoas de outra época e cultura.

A hermenêutica muitas vezes, é usada como sinônimo de *exegese*. Etimologicamente, hermenêutica vem do grego *hermeneuein* e significa traduzir, interpretar. Atualmente, se convencionou chamar de *exegese* a busca do sentido que o autor quer exprimir a seus contemporâneos e de *hermenêutica* o sentido que um texto pode adquirir hoje. O termo *hermenêutica* provém do nome do deus *Hermes* da mitologia grega (HEIDEGGER, 2003, p. 73). Em si mesmas, nem a *hermenêutica*, nem a *exegese* são próprias da Bíblia. Elas se aplicam a qualquer tipo de texto e, de um modo especial, aos textos mais antigos. Texto dos filósofos antigos também é objeto de estudos exegéticos e hermenêuticos, além de textos literários, e outros. Enfim, qualquer tipo de texto pode ser objeto de estudo exegético.

A exegese e a hermenêutica aplicada aos estudos da Bíblia Hebraica e ao Novo Testamento costuma ser denominada “Exegese Bíblica” (VIRKLER, 1987, p. 9-33). Segundo Uwe Wegner (2001), quando se fala de exegese Bíblica, entende-se o termo sempre no sentido de explicação e interpretação. É a prática da hermenêutica sagrada que busca a real interpretação dos textos que formam o Antigo Testamento, ou Bíblia Hebraica, e o Novo Testamento. Vale-se, pois, do conhecimento das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), da confrontação dos diversos textos bíblicos e das técnicas aplicadas na lingüística e na filosofia (WEGNER, 2001, p. 11). Metodologia da Exegese Bíblica, portanto, é a organização e análise sistemática dos processos que devem orientar a investigação científica da Bíblia. Consiste na aplicação dos princípios racionais de investigação usados em documentos plurisseculares com o propósito de apreender o estilo literário de cada autor, a estrutura da obra, as formas literárias do conjunto, entre outros. É o conjunto de procedimentos científicos empregados com o propósito de explicar o texto em sua diversidade.

O uso de uma metodologia na exegese do texto bíblico não é fortuito, mas cumpre duas funções específicas: viabilizar a obtenção do conhecimento científico da Bíblia e possibilitar a sistematização lógica desse saber. O método em exegese, por conseguinte, requer o emprego de uma ordenação dos diferentes processos serão empregados para alcançar determinados resultados. Entende-se por processo, a forma como determinada técnica é aplicada, isto é, o modo específico de executar o método (EGGER, 1994, p. 48).

## ESCRITA E ORALIDADE

Antes de serem escritos, muitos relatos pertenciam à tradição oral. A fixação por escrito é apenas parte de um processo mais amplo, pois um novo contexto é sempre ocasião para a releitura e a reelaboração de um texto do passado. Muitas vezes, o próprio texto oferece indícios que permitem reconstruir as etapas da redação que hoje possuímos. A ciência bíblica desenvolveu certos critérios, a fim de refazer o caminho que o texto percorreu até chegar às nossas mãos. O resultado desse trabalho de reconstrução é encontrado nas chamadas “edições críticas”. São edições dos textos do Antigo e do Novo Testamento (em hebraico, em grego, em aramaico e, ainda, em latim) que trazem, no rodapé, o “aparato crítico”<sup>1</sup>. Nas margens laterais, encontram-se outras observações e anotações a respeito do texto. Para economizar espaço, quase todas as informações do aparato crítico e das margens estão abreviadas ou codificadas em símbolos, cuja decodificação encontra-se nas introduções e nos apêndices de cada edição crítica (WEGNER, 2001, p. 48).

A Bíblia é um livro de difícil compreensão. Para um mesmo texto, surgem muitas interpretações, algumas legítimas, outras questionáveis, outras descartáveis. Tudo depende do modo, ou melhor, do método com que se lê a Bíblia. Com efeito, não basta um único método de leitura para esgotá-la. Ela nos reserva sempre uma novidade, uma surpresa, um horizonte novo. A importância da exegese bíblica, para não dizer de sua necessidade, reside no fato de que ela possibilita uma compreensão mais precisa do sentido de um texto bíblico, e, por conseguinte, fornece bases para uma construção teológica e histórica melhor fundamentada.

Um texto tem longa e complexa história de transmissão: cópias, versões, citações, edições que envolvem inúmeros problemas (mudanças intencionais e não-intencionais, adaptações culturais e releituras, imprecisões, decisões editoriais). Daí a importância e a necessidade da atitude crítica diante do texto.

## A EXEGESE MODERNA E A SUPERAÇÃO DAS BARREIRAS DE LEITURA DO TEXTO BÍBLICO

O início da exegese moderna se deu a partir do século XVII. Mas foi na virada do século XIX para o século XX com a filosofia hermenêutica de Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer que provocaram mudanças na exegese, de modo especial, pela nova maneira de se compreender a relação entre o autor, o texto e o leitor. Na sequência, vieram os trabalhos exegéticos de Karl Barth e de Rudolf Karl Bultmann. Ambos recolocaram a questão hermenêutica, mas cada um a seu modo. Barth se perguntava sobre o significado do texto

bíblico para o homem moderno. Já Bultmann dizia que a linguagem dos autores bíblicos tinha deixado de ser compreensível. Era uma linguagem mítica e o homem moderno tinha adquirido uma visão científica do mundo. Era, pois, preciso retraduzir aquela linguagem nesta outra para que o texto bíblico voltasse a ter sentido. Pela mesma via, mas em sentido contrário, foram os trabalhos de Paul Ricoeur<sup>2</sup>, para quem a linguagem simbólica da Sagrada Escritura precisava ser reinterpretada, não, porém, substituída (GRECH, 2005, p. 48-9).

O século XX foi profundamente frutuoso e questionador no que se refere à interpretação bíblica: muitos métodos surgiram, firmaram-se, foram superados e/ou redefiniram seus pressupostos e seus objetivos com muitos manuais publicados na Europa e na América do Norte<sup>3</sup> (FITZMYER, 1994, p. 23-5). Na América Latina e Caribe a leitura da Bíblia está vivendo um colorido de perspectivas (REIMER, 2006, p. 20). Durante as últimas décadas, a leitura popular da Bíblia tem destacado a importância central dos pobres dentro deste conjunto de textos, as preocupações emergentes como pobreza, desemprego, desigualdades sociais, bem como as situações e os desafios de ordem mundial (nova situação da mulher, novas tecnologias, busca da superação de preconceitos raciais e religiosos), acabaram também condicionando nova postura diante do texto bíblico, que é visto, cada vez mais, como paradigma para a caminhada do povo de Deus. A leitura da Bíblia a partir dos pobres e marginalizados, a leitura orante, eclesial, pastoral ecumênica e também certa reserva em relação aos métodos que se preocupam com o texto bíblico enquanto texto fez surgirem “novas formas de interpretar a Bíblia e novas teologias” (BIBLIOGRAFIA BÍBLICA LATINO-AMERICANA, VI 8, 1988-1995).

Podem-se destacar algumas barreiras para a interpretação bíblica, contudo, estas são suficientes ao menos para demonstrar o problema da sua interpretação e a consequente necessidade de uma Metodologia de interpretação que ajude a transpor cada um destes obstáculos. Pois parece, pela natureza intrínseca da própria Escritura, que sem a aquisição de pré-requisitos históricos e literários, relacionados à formação da Bíblia, não será possível uma interpretação mais bem fundamentada. E é para a “solução” desse problema hermenêutico que surge a Exegese como uma ferramenta indispensável para uma melhor interpretação do texto bíblico.

A primeira barreira com a qual se depara quando se pretende interpretar a Bíblia é a barreira histórica. Ou seja, a Bíblia foi escrita ou formada em circunstâncias e épocas totalmente distantes e diferentes da nossa realidade. A Bíblia é um livro histórico, nascido e configurado dentro de matizes históricas específicas. Seu contexto histórico e destinatários originais são muitas vezes desconhecidos quanto a sua natureza e problemáticas peculiares. Em outras palavras, a Bíblia não foi do ponto de vista histórico, escrita para nós hoje do século XXI. Há um



grande abismo histórico e cronológico entre nós e os antigos autores bíblicos. A Bíblia é histórica, nasceu na história, pela história e para a história. Portanto, toda leitura bíblica precisa ser uma leitura histórica. Se não se apreende a cosmovisão, *Weltanschauung*, do período histórico em que a Bíblia nasceu e se formou corre-se o risco de não compreendê-la de maneira refletida.<sup>4</sup>

A segunda barreira que se depara é o que se pode chamar de barreira sócio-cultural. Esta diz respeito ao mundo social, econômico, político e religioso em que se formou a Bíblia. É sabido que a Bíblia se originou na estrutura sócio-cultural do Antigo Oriente Próximo, mais em particular na Sírio-Palestina, mas também nas regiões circunstantes, como a Mesopotâmia e o Egito, como seu cenário geográfico principal. As diferenças culturais entre Ocidente e Oriente são gigantescas. Estando diante de uma literatura antiga emoldurada dentro de um contexto judaico-helenista com suas mais ricas peculiaridades. A ignorância quanto às estruturas sociais e culturais da época e ambiente onde nasceu a Bíblia torna totalmente inviável qualquer aproximação à sua interpretação.<sup>5</sup>

Tem-se ainda uma terceira barreira quando se pretende interpretar a Bíblia. Trata-se da barreira linguística, ou seja, o problema da linguagem peculiar da Bíblia. A Bíblia não foi escrita em nosso idioma, mas em três línguas antigas, a saber, o Hebraico, o Aramaico, línguas semitas, e o Grego, de outro ramo, o indo-europeu. Fato este que dificulta a tradução, pois muitas vezes não há em nossa língua palavras adequadas para traduzir expressões específicas.

Para sanar essas barreiras, muitos métodos surgiram e têm sido usados como ferramentas de interpretação de um texto bíblico. Os mais importantes historicamente são o alegórico e o histórico-gramatical, conhecido como *método de análise literária* (PENTECOST, 1998, p. 22-23). Esses dois podem ser utilizados mais facilmente, mas também podem se tornar extremamente complexos e especializados.

## O Método Histórico Crítico

Paralelamente a esses métodos, nos últimos tempos, surgiu também o Método Histórico Crítico (MHC). O MHC depende fundamentalmente da identificação do *gênero literário* de uma unidade textual. Daí a importância em se compreender bem o que é gênero literário<sup>6</sup> (BERGER, 1998, p. 14). Foi desenvolvido, sobretudo pela exegese alemã protestante e foi visto, de início, com certa desconfiança por estudiosos católicos. Atualmente, este método continua sendo largamente empregado a ponto de se poder dizer que ele constitui uma aquisição da exegese bíblica por toda parte. São várias as etapas do trabalho com MHC e muitos passos importantes para se fazer uma exegese<sup>7</sup> (WEGNER, 2001, p. 70).

O MHC não é o único que há, mas é, no mínimo, um ponto de partida e não deve ser rejeitado. O MHC investiga o contexto histórico no qual um texto surgiu:

quando foi escrito, se existe uma pré-história do texto e uma história redacional. Um texto pode ter sido criado quando foi escrito, ou pode ter uma pré-história: uma tradição oral que o precede. Há algum tempo, dava-se uma importância muito grande à tradição oral. Hoje, percebe-se melhor que muitos textos nasceram já como obras literárias escritas e não remontam, ao que se possa saber, a uma tradição oral anterior. Por outro lado, também é certo que no Oriente Antigo, como em muitos povos em que a escrita é o privilégio de uma elite, a transmissão oral desempenhou um papel significativo na transmissão da cultura. Uma tradição oral, por sua vez, pode remontar a um acontecimento histórico e/ou a lendas. O mais provável é que ela misture tudo. No decurso da transmissão oral a própria tradição vai sendo reelaborada. Detalhes podem desaparecer, nomes de personagens e de localidades podem sumir ou serem transformados, novas chaves interpretativas podem ser introduzidas (WEGNER, 2001, p. 69-83).

Não obstante, a exegese bíblica utilizando o MHC apresenta algumas vantagens pelo fato de dar uma grande contribuição ao colocar o estudo da Bíblia dentro de uma discussão “secular”; ainda permanece sendo um referencial metodológico útil e mesmo indispensável, ao qual muito se deve na história da exegese e do qual ainda muito se pode receber. Graças a ele, sabe-se hoje o valor da identificação dos gêneros literários dos textos bíblicos, de suas fontes, das tradições que a eles subjazem, do longo e complexo processo de formação e composição das unidades textuais, dos livros, dos *corpora* literários e da Bíblia como um todo; ele ajuda a colocar em perspectiva as interpretações, pessoais e de outros; ele não se permite instrumentalizar o texto ao bel-prazer, lendo-o de maneira seletiva e arbitrária, sem consideração para com seu contexto e propósito originais; ele permite ver melhor a diversidade de teologias que há na Bíblia, sem que isso implique prejuízo para sua unidade. No entanto, ele alerta para o fato de que não se deve buscar uma harmonização a qualquer custo dessas diferenças pela eliminação de toda tensão e conflito entre as variadas perspectivas teológicas recolhidas nas Escrituras Sagradas; ele leva a sério a humanidade dos autores bíblicos em sua condição de testemunhas da revelação divina e o fato de que essa revelação fora percebida e refletida dentro de situações históricas bem concretas e definidas.

Outra vantagem que pode ser destacada é o fato de que o MHC lança mão das investigações de outras ciências como:

1. A *Arqueologia*. Esta ciência desenvolveu-se muito nos últimos tempos. A partir da própria experiência dos arqueólogos, novos métodos de escavação foram aparecendo. No início, a arqueologia trabalhava a partir do dado bíblico. Esta época foi importante para os estudos bíblicos. Atualmente, a arqueologia se emancipou e já não trabalha mais a partir da Bíblia. Alguns dados apresenta-



dos pela Arqueologia, inclusive, questionam informações dadas pela Bíblia e antes vistas como absolutamente seguras.<sup>8</sup>

2. *Antropologia*: Esta abordagem relaciona-se estreitamente com a sociológica, mas está interessada em um conjunto mais amplo de fatores da vida humana e comunitária: linguagem, arte, religião, vestuário, costumes folclóricos (celebrações, danças, festas), mitos e lendas. A abordagem antropológica analisa as diferenças entre a vida urbana e a rural e os valores cultivados em diversos tipos de sociedade. Também estuda fatores da existência humana como honra e vergonha, educação e escola, família e lar; as relações entre homem e mulher, patrões e empregados.<sup>9</sup>
3. *Sociologia*: A Bíblia reflete várias sociedades humanas, ambientes diferentes e condições sociais diversas. Assim, o texto bíblico tem traços do complexo social em que nasceu e requer análise sociológica acurada. Nos últimos vinte e cinco anos, entretanto, a abordagem sociológica da Bíblia vem despertando renovado interesse, e sua contribuição tem sido importante aprimoramento do método histórico-crítico. Esta abordagem amplia a iniciativa exegética em muitos pontos (WEGNER, 1998).
4. *A análise comparativa com outros documentos do Oriente antigo*: é impossível negar que haja algumas ideias mestras que perpassam os textos religiosos do Oriente antigo. Temas como a criação do mundo e da humanidade, o dilúvio e as migrações de povos são comuns nestes textos. Duas grandiosas descobertas de manuscritos antigos em tempos modernos abriram perspectivas inteiramente novas para os estudos neotestamentários: uma em 1945, no Egito, chamada de *Biblioteca Copta de Nag Hammadi* (POIRIER; MAHÈ, 2006) e outra em 1947, na Palestina, em cavernas a oeste do Mar Morto, são os chamados *Manuscritos do Mar Morto* ou *Documentos de Qumran* (MARTINEZ, 1994, p. 15-29).
5. *A análise comparativa dos arquivos históricos*: a Bíblia relata alguns fatos que se inscrevem na história do Antigo Oriente e nos quais entram em cena outros povos. Isto ficou claro com as descobertas arqueológicas e a consequente publicação do *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament with Supplement*, editado por James B. Pritchard (1969), com sua coletânea riquíssima. A questão aqui é a de se interrogar se, entre estes povos, ficou algum registro desses fatos. Enfim, o método histórico-crítico procura determinar o contexto histórico no qual um texto possa ser situado. Esta questão é de extrema importância, uma vez que é mais importante o contexto histórico no qual um texto foi produzido do que o (suposto) contexto histórico ao qual se refere. Para responder a esta questão, é preciso investigar se o próprio texto não deixa transparecer – nas entrelinhas – a época em que foi escrito.

## CRÍTICAS E LIMITES DO MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO

O MHC mostra assim, sua grandeza e complexidade, apresenta diversas vantagens como descritas, mas não se pode deixar de destacar também algumas características foram criticadas, tais como: o academicismo; a arrogância diante de outras leituras; o reducionismo historicista; a despreocupação para com a aplicabilidade prática das pesquisas, ou seja, relega ao passado os livros bíblicos fazendo com que a Bíblia pareça mais uma obra do passado a ser objeto de estudos que um livro capaz de iluminar o presente, a vida, o cotidiano das pessoas. Formou-se muita cultura bíblica interessante, mas sem influência no cotidiano; ele é um método que se preocupa mais com o contexto do que com o texto em si.

Os principais argumentos críticos podem ser resumidos a três pontos centrais:

- 1°. Na origem, o método nasce de um pré-juízo – típico do romantismo alemão – de que o que é o mais antigo é sempre melhor. Ao se identificar as camadas redacionais de um texto, corre-se o risco de se valorizar apenas a camada mais antiga, esquecendo-se que acréscimos ou mudanças inseridas num texto também fazem parte do texto que, em seu conjunto, é identificado como Sagrada Escritura. Do ponto de vista histórico, cultural e simbólico, as interpretações das diversas épocas, inclusive atuais, são também relevantes e dignas de estudo e mesmo aprendizado;
- 2° O MHC não se tornou popular. A maioria do povo continua a fazer uma leitura literal ou metafórica do texto bíblico. Para muitos, o Deus reconstituído pela exegese que se revela na Bíblia não é o mesmo Deus da história, da vida, das ideias, dos mitos, mas é um Deus alheio aos acontecimentos. Também aqui, a vivência quotidiana das pessoas não precisa coincidir com as reconstituições exegéticas, mas pode por elas serem anda incrementadas;
- 3° O MHC nasce da separação entre leitura exegética e leitura espiritual que este tipo de método pode favorecer. Ele também deixa a impressão de que apenas o especialista pode interpretar a Bíblia porque somente ele possui “ferramentas” capazes de abrir o sentido desta Escritura. Ainda mais, para adquirir estas ferramentas são necessários anos de estudos, não apenas filosóficos e teológicos, mas, sobretudo de línguas, de filologia e de exegese propriamente dita. O próprio estudo exegético tem muito a ganhar com o aprendizado antropológico derivado das percepções subjetivas modernas.

Estas críticas não invalidam o método, pois ele pode ser muito útil, tanto para a formação dos estudiosos, como para o público geral culto em busca de formação.

Para finalizar, podemos destacar ainda, que a Exegese Bíblica entre vantagens e desvantagens tem dado grandes passos com o desenvolvimento dos mais diversos mé-

todos utilizados para se interpretar um texto bíblico. Por meio dela, podem-se transpor barreiras e limites e aproximar-se cada vez mais do sentido original-histórico das Escrituras. Seu uso e sua aplicação são por demais importantes se quiser prosseguir na carreira dos Estudos Bíblicos. A Exegese Bíblica levar-nos-á por meio da história e cultura em que se formaram os textos da Bíblia; como também nos capacitará a compreender as estruturas e o funcionamento da linguagem bíblica, e desse modo nos colocar, o quanto for possível, em contato com o significado histórico do texto bíblico e a sua intenção autoral. Ela nos permitirá entrar no texto de maneira desarmada, aberta, buscando algo, com grande vontade de dar um sentido autêntico à própria existência. A exegese está aí e é uma ferramenta para interpretar a Bíblia e por meio dela entender a própria vida. Ela veio trazer luz sobre a interpretação e ao mesmo tempo despertar para uma consciência crítica.

#### Agradecimentos

Agradecemos a John Dominic Crossan, Haroldo Reimer e Neil Silberman. Mencionamos o apoio institucional do CNPq, FAPESP e do Departamento de História da Unicamp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

#### BIBLICAL EXEGESIS, ADVANTAGES, DRAWBACKS, LIMITS AND CONTRIBUTIONS IN THE MODERN INTERPRETATION OF THE BIBLE

*Abstract: The paper studies the contribution of Biblical exegeses to the modern interpretation of the Bible. It starts by defining exegesis and hermeneutics, both born in theological studies, but soon used in modern philology, philosophy and history. It then turns to the history of Biblical exegesis and to the complex methods of interpreting the Bible, all of them with advantages, drawbacks, limits and contributions. It deals then with the so-called critical historical method, now with more than a century of scholarship. Even though criticized, the method is at least a starting point not to be underestimated. The relevance of Biblical exegesis, even more than that, its necessity, is due to the fact that it enables a deeper understanding of the Biblical text, so that it improves our theological understanding.*

*Keywords: Bible. Exegesis. Hermeneutics. Historical-critical Method. Life.*

#### Notas

- 1 É o nome que se dá à parte inferior das páginas do Novo Testamento em grego, que contém as variantes, bem como a relação dos manuscritos que as apoiam.

- 2 Sobre discussões filosóficas a respeito da interpretação bíblica confira a importante obra de Ricoeur (2004).
- 3 O método da “crítica das formas” ou “Formgeschichte” foi criado por Karl Ludwig Schmidt, Martin Dibelius e Rudolf Bultmann. Segundo esse método, os evangelistas fizeram apenas um trabalho de organização e compilação das tradições no momento de concluir a redação, e os redatores não teriam exercido um papel importante, mas apenas coligido dados. Este dá muita importância ao ambiente vital, ou seja, às situações existenciais das primeiras comunidades. Outro método que surgiu nos anos 1950 foi o da “História da Redação” este sustenta que os redatores não foram simples copistas de textos recebidos pela tradição, mas fizeram um verdadeiro trabalho de seleção de textos, organizando-os segundo um projeto redacional claro e próprio (FITZMYER, 1994, p. 23-5).
- 4 Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profile/DenesIzidro>>. Acesso em: 15.01.2015.
- 5 Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profile/DenesIzidro>>. Acesso em: 20.10.2015.
- 6 Gênero literário é um agrupamento de textos de acordo com diversas características.
- 7 Ao se fazer exegese, pode partir-se de uma boa tradução, ou de um texto interlinear, pois mesmo que se conheça bem o idioma original, as traduções são também instrumentos de pesquisa indispensáveis. Quanto à crítica textual, dependemos dos aparatos críticos das edições críticas da Bíblia, visto que nem sempre é possível o acesso aos manuscritos. Os melhores comentários trazem observações a seu respeito, de grande valia, sobretudo para o iniciante. No entanto, mesmo sem saber hebraico e grego, bem como manusear o aparato crítico é possível uma abordagem crítica. É evidente que, quanto maior o conhecimento das línguas originais, maior a liberdade e independência em relação ao pensamento de outros, e maior a possibilidade de aprofundamento na mensagem do texto. Porém, tão importante quanto a capacidade de lidar com a gramática e o vocabulário das línguas originais, é o entendimento dos conceitos veiculados pelas palavras. Atualmente, as edições críticas principais são a Bíblia Hebraica Stuttgartensia e o Novum Testamentum Graece.
- 8 Um exemplo da influência da arqueologia na exegese bíblica da atualidade é o livro de John D. Crossan e Jonatham L. Reed (2007); cf. Finkelstein e Silberman (2001), Rodrigues e Funari (2009).
- 9 A Antropologia tem estudado tais temas, conforme Laraia (2009, p. 117).

#### Referências

- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BIBLIOGRAFIA BÍBLICA LATINO-AMERICANA. 8 vols, Petrópolis/São Bernardo do Campo: Vozes/Umesp, 1988-1995 (<http://www.metodista.br/biblica>).
- CROATTO, José Severino. *Hermenêutica Bíblica: para uma leitura da teoria como produção de significado*. Tradução de Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- CROSSAN, John D.; REED, Jonatham L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: iniciação aos métodos lingüísticos e histórico-críticos*. Tradução de Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Loyola, 1994.
- FINKELSTEIN, I. SILBERMAN, N. *A Bíblia não tinha razão*. Tradução de Tuca. São Paulo, Girafa, 2001.

- FITZMYER, Joseph A.. *A Bíblia na Igreja*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 1997.
- FREEDMAN, David Noel (Editor chefe). *ANCHOR BIBLE DICTIONARY*. Vol. 2 D-G. New York, London, Toronto, Sidney, Auckland: ABD Doubleday, 1992.
- FUNARI, P.P.A. Resenha de David Banon, “Le Midrash”, *Horizonte*, Belo Horizonte v. 17, p. 125-6, 1999.
- GRECH, P. *Il Messaggio Biblico e la sua interpretazione: Saggi di ermeneutica, teologia ed esegesi*, Supplementi alla Rivista Biblica 44, Bologna 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuck. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2003.
- LARAIA, Roque Laraia R. B. *Cultura, um conceito antropológico*. 22. ed. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- MARTÍNEZ, Florentino G. *Textos de Qumran*. Trad. Valmor da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament with Supplement*. Edited by James B. Pritchard. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- PENTECOST, J. Dwight. *Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros*. Tradução Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Editora Vida, 1998.
- POIRIER, Paul-Hubert; MAHÈ, Jean-Pierre (Orgs.). *Ecrits gnostiques: La bibliothèque de Nag Hammad*. Paris: Gallimard, 2007.
- REIMER, Haroldo. Hermenêutica ecológica de textos bíblicos. *Revista Brasileira de Teologia*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20, 2005.
- RODRIGUES, G.B. ; FUNARI, P. P. A. ; FUNARI, P. P. A. Considerações sobre a trajetória inicial da Arqueologia Bíblica. *Mosaico*, Goiânia, v. 2, p. 95-101, 2009.
- SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. *Forma e exigências do Novo Testamento*. Tradução de Benê Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica/Paulus, 2004.
- SITE: <<http://bible.crosswalk.com/Dictionaries/BakersEvangelicalDictionary/bed.cgi>>. Acesso em: 11.07.2015.
- SITE: <<http://cafehistoria.ning.com/profile/DenesIzidro>>. Acesso em: 20. 10.2015.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do novo Testamento: manual de metodologia*. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 2001.
- VIRKLER, Henry A.. *Hermenêutica: Princípios e processos de interpretação bíblica*. São Paulo: Vida, 1987.